

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA DA
ÁFRICA

Neide Valentim Ferreira de Azevedo

DA HISTÓRIA DO NEGRO AO NEGRO NA ESCOLA:
O espaço político e social no ambiente escolar e o pensar territorialidade no mundo globalizado na visão de Milton Santos

Rio de Janeiro

2025

NEIDE VALENTIM FERREIRA DE AZEVEDO

DA HISTÓRIA DO NEGRO AO NEGRO NA ESCOLA:

O espaço político e social no ambiente escolar e o pensar territorialidade no mundo globalizado na visão de Milton Santos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História da África, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em ensino de História da África.

Orientador(a): Doutor João Henrique Ferreira de Castro.

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A994 Azevedo, Neide Valentim Ferreira de

Da história do negro ao negro na escola: o espaço político e social no ambiente escolar e o pensar territorialidade no mundo globalizado na visão de Milton Santos / Neide Valentim Ferreira de Azevedo. - Rio de Janeiro, 2025.

51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: João Henrique Ferreira de Castro.

1. História da África - Estudo e ensino. 2. Globalização - Aspectos sociais. 3. Territorialidade humana. 4. Escolas. 5. Racismo. 6. Exclusão social. I. Castro, João Henrique Ferreira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

NEIDE VALENTIM FERREIRA DE AZEVEDO

DA HISTÓRIA DO NEGRO AO NEGRO NA ESCOLA:

O espaço político e social no ambiente escolar e o pensar territorialidade no mundo globalizado na visão de Milton Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em: 30/04/2025.

Banca Examinadora:

Dr. João Henrique Ferreira de Castro (Orientador)
EEHA – Colégio Pedro II

Dr. Higor Figueira Ferreira
EEHA – Colégio Pedro II

M^a. Ingrid de Oliveira Matos
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2025

DA HISTÓRIA DO NEGRO AO NEGRO NA ESCOLA: O Espaço Político e Social no Ambiente Escolar e o Pensar Territorialidade no Mundo Globalizado na Visão de Milton Santos

Neide Valentim Ferreira de Azevedo

Resumo: O presente trabalho de conclusão de curso tem como base a discussão a respeito da experiência que corpos negros vivenciam no cotidiano escolar e os traumas causados pelo racismo, ainda que diante de leis implementadas para o ensino de história da África, tornando necessário, importante e urgente entender o dilema que perpetua e alimenta tais violências na perspectiva do cenário histórico e nacional. Abordar a temática do racismo na escola no mundo globalizado é o desafio do pensar a desconstrução da educação contemporânea que atua sobre uma estrutura potente e potencializadora de opressão e estigmas sociais. Os caminhos para identificar o contexto do ambiente escolar estão associados à busca de soluções para a criação de mecanismos pedagógicos que envolvam o pensar racismo e exclusão em uma análise mais ampla do estigma social sem tratá-lo de forma isolada, por entender que estão ligadas a uma base sistêmica de poder. A obra do geógrafo Milton Santos propõe uma outra globalização e lança as bases para a elaboração desse artigo que problematiza a história única e seus desdobramentos que influenciam a vida escolar e nos conduzem pensar sobre a universalidade das ideias para a manutenção do mundo moderno.

Palavra-chave: globalização; territorialidade; escola; racismo; exclusão.

ABSTRACT

This article is based on the discussion about the experience that black bodies go through in everyday school life and the traumas caused by racism, even in the face of renewed laws for the teaching of African history, making it necessary, important and urgent to understand the dilemma that perpetuates and fuels such violence from the perspective of the historical and national scenario.

Addressing the issue of racism in schools in the globalized world is the challenge of thinking about the deconstruction of contemporary education that acts on a powerful and potentializing structure of oppression and social stigmas. The ways to identify the context of the school environment are associated with the search for solutions for the creation of pedagogical mechanisms that involve the thought of racism and exclusion in a broader analysis of social stigma without treating it in isolation, by understanding that they are linked to a systemic basis of power.

The work of geographer Milton Santos proposes another globalization and lays the foundations for the elaboration of this article that problematizes the single history and its developments that influence school life and lead us to think about the universality of ideas for the maintenance of the modern world.

Keywords: globalization; territoriality; school; racism; exclusion.

Existem apenas duas classes sociais, a dos que não comem e a dos que não dormem com medo da revolução dos que não comem.

[Milton Santos, 1990]

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo!

A meus pais Sebastião e Neide, (*in memoriam*) que me proporcionaram conhecer a cultura africana, desde a infância. Que me nutriram de forças pelo exemplo e pela educação.

Agradeço também, ao companheiro Charles e minhas filhas Thamires (importante suporte de informática) e Thaís por todo apoio e amor que me proporcionam.

Ao meu Orientador Prof. Dr. João Henrique Ferreira de Castro, pela importante participação na condução e construção deste trabalho, pela paciência e humanidade perante minhas adversidades.

Aos colegas do curso de pós-graduação, pelos laços que nos uniram nessa jornada, em especial ao nosso saudoso amigo Sérgio, que deixará saudade por seu companheirismo e espírito de luta.

À Edilene e Andréia pelo apoio mútuo.

Aos professores por toda a dedicação no ensino de História da África.

Estudar nesta instituição foi um sonho de infância realizado!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.10
Capítulo 1. Escola como Território Cultural: Desafios da Inclusão Racial na Educação Contemporânea.....	p.14
Capítulo 2: Os Atravessamentos.....	p.18
Capítulo 3: A Aplicação Efetiva da Lei 10.639/03 nas Escolas Brasileiras e sua Importância na Formação da Criança Negra.....	p.23
3.1 - O Neoliberalismo, a Globalização e as Instituições Educacionais.....	p.25
3.2 - A Necropolítica.....	p.27
3.3 - Preto não é Criança, é Menor!.....	p.29
3.4 - Ensino Público: Precariedade e Fatores que Afetam o Ensino.....	p.31
3.5 - Iniciativas Antirracistas.....	p.32
3.6 - Território Educativo: Considerações finais.....	p.31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.34
PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	p.37
PLANO DE AULA.....	p.40
BIBLIOGRAFIA.....	p.41
ANEXOS.....	p.42

INTRODUÇÃO

Para Nilma Lino Gomes (2003, p.21), em seu artigo: *O Impacto do Diferente: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural*, pensar a escola e a diversidade cultural é entender que existem diferenças e, a partir desse entendimento, acolher a necessidade de incluí-la na ordem do dia das reivindicações do sistema educativo, reconhecendo que, mesmo com todas as dificuldades, por vezes lidar com o diferente inquieta, e pode fazer refugiarmos em nossa própria história, trazendo reflexões sobre nossas atitudes, escolhas políticas e individuais que envolvem nossos padrões sociais. O reconhecimento das diferenças rompe com os paradigmas do preconceito e das crenças sobre os outros, criados “sem o menor contato com a realidade do outro.” Já bell hooks afirma:

Apesar de o multiculturalismo estar atualmente na educação, não há nem de longe discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. (Hooks, 2017. p.51)

O professor Milton Santos ao se referir ao mundo globalizado o apresenta sob a percepção de um mundo a qual o autor considera “confuso” e responsável por toda essa “Torre de Babel”. Toda essa crise da cidade decorre da responsabilidade sobre as narrativas históricas e acumulações financeiras que se encontram nas mãos dos grupos privilegiados, que sobrepõe e subestima culturalmente outros povos, criando a fábula da “aldeia global”: uma pessoa estaria conectada ao mundo todo com ajuda da tecnologia e em que, num passe de mágica, tudo se comportaria de maneira uniforme em nome dos atores hegemônicos e à custa do sofrimento dos povos precarizados, desencadeando a globalização que Santos intitulou como perversa, calcada pela destruição no campo da escassez, das doenças, corrupções e geradora de mortandade e do desrespeito à educação, da qual Milton ao conceituar o termo território escolar, chama atenção que este seria um espaço de pertencimento e de vivências de onde se forma a identidade e que contempla não só a sala de aula, mas todo o complexo escolar, incluindo a comunidade do entorno, onde se desenvolvem as relações sociais, da qual o mundo globalizado pode conduzir a perda da identidade cultural decorrente do processo de homogeneização cultural que aumenta a desigualdade e afeta a qualidade da educação.

O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considerá-lo o único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e a aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar a sua ação, como se tal “crise” fosse a mesma para todos e como se a receita para a afastar devesse ser geralmente a mesma. Na verdade, porém, a única crise que os responsáveis desejam afastar é a crise financeira e não qualquer outra. Aí está, na verdade, uma causa para

mais aprofundamento da vida real - econômica, social, política, moral - que caracteriza o nosso tempo. (Santos, 2023, p.46)

Neste artigo procuraremos demonstrar como o espaço escolar foi historicamente estabelecido como um território de disputa para negros e negras no passado e no presente, refletindo interdições formais e simbólicas próprias das sociedades escravista e pós-colonial. Em associação a isso, demonstraremos que houve e tem havido articulações históricas, que denotam o protagonismo negro, no sentido de procurar promover alguma mudança de cenário, o que gera debates e ações no âmbito do currículo, do direito ao espaço e ao senso de pertencimento. A este propósito, serão centrais os conceitos de território e agência (protagonismo), entendidos como desafios que a escola precisa enfrentar contra os modelos distorcidos do currículo escolar, que marginaliza e invisibiliza a cultura histórica do aluno negro e o comprometimento com a qualidade de ensino, a falta de recursos, a evasão escolar, desmotivação dos professores, precariedade na infraestrutura, desinteresse por parte dos alunos, a violência escolar, a desigualdade digital, entre outros.

Utilizando o pensamento do ilustre Milton Santos, um dos mais respeitados geógrafos do país, negro e responsável por diversas e relevantes obras acadêmicas, percorreremos a história do negro na educação e discutiremos a proposta do autor que se refere a uma nova globalização na qual os fatos históricos passam a demonstrar uma necessidade urgente de uma sociodiversidade do povo. E que combinada ao apreço por distintas culturas tradicionais, podem produzir reflexos nas percepções de identidade e sobre as formas de viver, alterando a visão histórica das massas. Por fim, o Autor aponta um caminho para desconstruir o discurso utilizado para legitimar uma ideologia dominante que com frequência só serve de base para a promoção de desigualdades.

A fronteira entre o dizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Distinguir entre conjunturas favoráveis e desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. (Pollak, 1989, p.8-9)

Um estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) de 2019, evidenciado em uma reportagem da organização em 2023¹, mostra que crianças e adolescentes fazem parte das estatísticas das múltiplas dimensões da pobreza. Pelo menos no Brasil 32 milhões de pessoas nesta faixa etária convivem com a pobreza em variadas escalas que vão desde a renda, a educação, trabalho infantil, habitação, água e saneamento básico, tornando assim, conforme relata o UNICEF, urgente que se destaque em primeiro plano a elaboração de políticas públicas direcionadas a precariedade dessas faixas etárias que, segundo a pesquisa, “vai além da renda”.

Há a falta de acesso também à informação, o que transforma essa pobreza em multidimensional, combinando fatores de exclusão social como a falta de acesso a bens e serviços, as desigualdades entre grupos raciais, as desigualdades de gênero e as desigualdades intrafamiliares somados a baixa escolarização e as precárias condições de habitações. O estudo ainda nos adianta que, dentro da perspectiva da pobreza multidimensional, os que mais sofrem são os grupos que vivem em vulnerabilidade social, notoriamente, negros, indígenas e moradores das regiões norte e nordeste.

Vejamos o que diz a pesquisa do UNICEF sobre a situação do Brasil nas dimensões que integram a pobreza multidimensional: Renda: até 2019 cerca de 20 milhões de jovens e crianças vivendo abaixo do nível da pobreza. Alimentação: entre 2020 e 2021, 13,7 milhões de crianças e adolescentes privados de alimentação adequada, majoritariamente negros e indígenas. Educação: em 2019 mais de 4 milhões frequentavam a escola com atraso escolar ou sem estar alfabetizados, ou até mesmo encontravam-se fora da escola. Em 2022, no contexto imediatamente posterior ao término da pandemia da COVID-19, que agravou diferentes problemas sociais, o percentual de crianças privadas do direito a alfabetização dobrou em relação a 2020. De 1,9% para 3,8%, incluindo principalmente crianças e adolescentes negros e indígenas, das regiões Norte e Nordeste sobretudo meninos.

Saneamento: Em 2020 o percentual de crianças e adolescentes negras e indígenas vivendo sem saneamento básico no Brasil era de 47% contra 29% de brancos e amarelos. 80% delas viviam nas regiões Norte e Nordeste. Água: 2020 foi estável o índice dos privados de água segura. Já os de água não canalizada caiu de 4,6%, em 2017, para 3,5%, em 2020. Moradia: em 2020, 20% das crianças e adolescentes, em alguns Estados do Norte do país

¹ UNICEF. “Há 32 milhões de crianças e adolescentes na pobreza no Brasil”. 14/02/2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ha-32-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-napobreza-no-brasil-alerta-unicef>. Acessado em 15/04/2023

(Amazonas, Amapá e Roraima), viviam em espaços inadequados. No Rio de Janeiro e São Paulo, eram 10% de crianças e adolescentes residindo inadequadamente.

Os dados estatísticos demonstram a profunda marginalização de determinados grupos, em seus mais diversos tipos, que se perpetua no Brasil e que envolve fatores sociais, políticos e econômicos que dificultam o processo de inclusão.

Um dos traços marcantes do atual período histórico é, pois, o papel verdadeiramente despótico da informação. Conforme já vimos, as novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca, todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de crueldades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle (Santos, 2023. p. 52).

Tal cenário também contribuiu historicamente para construção de muros e estereótipos na educação. Promoveu, por exemplo, a escola como local de privilégio para a elite, empurrando os escravizados e seus descendentes para a margem, o trabalho precário e para a falta de oportunidades. Pensar alternativas, portanto, torna-se fundamental para uma realidade educacional e uma sociedade diferente.

Capítulo 1. Escola como Território Cultural: Desafios da Inclusão Racial na Educação Contemporânea.

Estudar a origem da educação no Brasil e suas complexidades continua sendo um dos maiores desafios de pesquisadores na tentativa de transformar a realidade do ensino no processo educacional e de identificar os padrões de produção cultural dos grupos sociais que convivem no Brasil. Uma delas, apreceptoria, constituída por educadores ou pessoas com habilidades para ensinar, no período colonial, era destinada somente a educar a elite, demonstrando o distanciamento e a distinção das classes. Indígenas, escravizados e população branca pobre não possuíam acesso à educação formal durante e após o período das invasões lusitanas, como na chegada da família real em terras brasileiras em 1808.

Foi a família patriarcal que favoreceu, pela natural receptividade, a importação de formas de pensamentos e ideias dominantes na cultura medieval europeia, feita através da obra dos jesuítas. Afinal, ao branco colonizador, além de tudo, se impunha distinguir-se, por sua origem europeia, da população nativa, negra e mestiça, então existente. A classe dominante, detentora do poder político e econômico, tinha de ser também detentora dos bens culturais importados. (Romanelli, 2001, p.33)).

As palavras de Milton Santos, “um novo mundo saíra das periferias” (Santos, 2023), têm força e respaldo na história brasileira. Já o período colonial foi marcado por resistências dos povos tradicionais que aqui habitavam e dos negros africanos trazidos à força para o Brasil em um processo de violência escravista que se estendeu até praticamente o fim do Império e lhes negava acesso à educação formal.

Mesmo a educação sendo negada aos escravizados, as formas de resistências dos negros se tornaram fartas. Sendo assim, já no Brasil Império, verifica a existência de escolas informais para negros. (Sales e Passo, 2018, p.2).

Tais ações demonstram, portanto, o fenômeno da resistência diante da exclusão do negro e sua destituição de humanidade, provocada por um projeto que permeou a tessitura de um processo de apagamento de memória, onde o vencedor cria a sua própria narrativa dos fatos, transformando os vencidos em “condenados da terra” (Fanon, 1968). Condenados a não terem passado, condenados a não serem livres, resistiram.

As resistências contra a exploração colonial, por exemplo, ocorreram a partir de articulações e rebeliões como fugas e formação de quilombos, bem como a luta pela educação

dos negros que, quando africanos ou escravos, ainda que livres ou libertos², eram impedidos de frequentar escolas, surge em 1853 e permanece até 1873 a primeira escola para negros livres e libertos que atendia acerca de 15 alunos do sexo masculino, no Império, mais especificamente na Província do Rio de Janeiro, sede da Coroa brasileira (Silva, 2002).

Outra ação é sintetizada na figura de Antônio Cesarino, filho de um escravo alforriado que matriculou seu filho na escola de brancos, e mais tarde, com sua esposa Balbina, fundaram o Colégio Perseverança (1860a 1876), para meninas brancas filhas da elite do café em São Paulo. Através do conhecimento, foi muito respeitado (Kabengele, 2015, p.3) e durante o dia lecionava para as filhas brancas da elite. Com a mensalidade, mantinha a escola à noite para meninas negras se alfabetizarem.

O recuo temporal serve como uma amostra da condução da educação no passado, mas também sua manutenção no presente, o qual este texto procura problematizar e indagar, em especial sobre quais caminhos a educação contemporânea vislumbra na busca por um ensino mais equânime. Problema que Paulo Freire já diagnosticava quando, em comentário sobre o déficit da educação brasileira, disse:

Um escândalo! Nós temos hoje, aproximadamente oito milhões de crianças na faixa de 7 a 14 anos, fora da escola e eu até costume dizer que não é certa a expressão “fora da escola”, portanto, nós temos oito milhões de crianças “proibidas” de entrarem na escola e aí nós vemos a discriminação social de classe porque, se fizermos um levantamento sobre as origens sociais desses oito milhões, verificamos que são das faixas populares, de meninas e meninos negros. Não tem nenhum neto meu dando contribuição a esta estatística. Por quê? Porque “Papai do céu” quer bem aos meus netos e não liga para os meninos populares? De forma alguma. Assim, o déficit da quantidade está diretamente ligado a esta ideologia do autoritarismo, da discriminação social e do elitismo brasileiro. (Freire, Paulo: a educação é autoritária e elitista. [Jornal da Vila Prudente, S. Paulo, n.4,out.1989]. Melhorar, p.4-5. entrevista concedida a autor desconhecido)

De fato, este problema tem origem e curso histórico. O pós-abolição, por exemplo, foi marcado por uma continuidade das violências deixadas pela escravização relegando a maioria da população negra a um estado de abandono. Resistir e organizar se, por sua vez, colocavam-se como alternativas.

A luta das camadas negras pela sua inclusão no processo de escolarização oficial evidencia que mesmo à margem da cidadania os negros acompanharam os processos de compactação da nação brasileira e nele exerceram influência. Os mecanismos do Estado brasileiro que impediram o acesso à instrução pública dos negros durante o Império deram-se em nível legislativo, quando se proibiu o escravo, e em alguns

² PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO. Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837. Da Instrução Primária. “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos”.

casos o próprio negro liberto, de frequentar a escola pública, e em nível prático quando, mesmo garantindo o direito dos livres de estudar, não houve condições materiais para a realização plena do direito (Cunha, 1999; Fonseca, 2000 *Apud* Soares 2005, p.11-12).

No pós-abolição, muitas foram as resistências da comunidade negra no Brasil República, com a finalidade de obter, como qualquer cidadão, o direito à educação. Não houve desistência dos negros em se manifestar ou em criar estratégias para que pudessem ter acesso à educação. O Movimento Negro no Brasil de maneira efetiva se reuniu em associações, como as dos homens de cor, clubes esportivos, entidades beneficentes, Escola Parque, grêmios, centros cívicos, jornais e organizações políticas como a Frente Negra Brasileira. A luta era contra a negligência do poder público na educação de negros e negras. A meta era a alfabetização. (Santos 2005). Todo o esforço para manter as instituições era frequentemente vencido pelas dificuldades financeiras. Por esse motivo muitos negros tinham que parar suas aulas, obtendo uma educação fragmentada. (Domingues, 2009 p. 969)

Do ponto de vista educacional, tais associações denunciavam o analfabetismo e a precariedade da escolarização da “população de cor”. Mas não ficaram apenas no plano da denúncia. Muitas delas empreenderam algum tipo de ação educativo-cultural em suas dependências, como apresentações musicais, encenações teatrais, saraus, sessões de recitais de poesias, cursos, palestras. Havia as que mantinham aulas noturnas e bibliotecas. Foi o caso da Feliz Esperança, na cidade de Pelotas. Desde o final da década de 1880, essa associação era considerada um “baluarte da representação negra”, condição que manteve até sua extinção, por volta de 1917. (Loner, 2008 *apud* Domingues, 2009 p.969)

Da abolição até os dias de hoje boa parte da população negra sofre os reflexos do descaso e da falta de compromisso político, que indiscutivelmente atravessam o desempenho escolar dos alunos negros que não possuem, em sua maioria, uma habitação digna. Também não tem emprego, saúde, acesso ao uso da tecnologia e ao estudo de línguas estrangeiras...Desde a infância, muitos precisam trabalhar desde cedo para contribuir com a renda da família, tendo como principal refeição a da escola, por vezes percebida apenas como espaço de assistência. Por conseguinte, esse aluno não terá condições justas de alcançar estudantes que vivenciam realidades mais estáveis e tranquilas. Carneiro (2020) fala que “o pós-abolição não restitui essa humanidade retirada- a escola reitera isso”.

Muito se tem falado da desigualdade racial no Brasil, dos preconceitos velados, implícitos e explícitos; do atraso escolar das crianças negras; dos salários dos negros e negras, sempre menores quando comparados aos dos brancos e brancas, mesmo quando se prova que a escolaridade é a mesma ou até maior; do desemprego, da marginalidade e da violência que atingem níveis estatísticos mais altos nas comunidades negras, sobretudo quando se constata que, no Brasil, 64% dos pobres e 69% dos indigentes são negros ou afrodescendentes, quando se constata a quase inexistência de negros nas universidades brasileiras e na pesquisa acadêmica.

Esses indicadores apresentam-se como indagações a este Brasil que se diz moreno, que se vê no espelho da democracia racial. Essa tese marota largamente propalada nos meios acadêmicos e, por isso mesmo, questionada por estudiosos da questão racial e recusada por negros e negras militantes que se orgulham de sua cor, da sua identidade, da sua origem, das suas lutas engajadas no ideal de construir uma sociedade forjada na igualdade racial.

(Silva; Silvério, 2003 p.9).

É importante falar das questões didático pedagógicas e da aprendizagem na educação escolar na perspectiva do outro. Da diversidade, considerando a escola como o lugar onde as pessoas aprendem e onde se processam os mecanismos de avaliação, levando em consideração outros contextos históricos. Influenciados pela diversidade no ambiente educacional e o papel do professor como processador de uma avaliação autônoma e emancipatória, respeitando em sua avaliação a subjetividade do conhecimento. “Para Milton Santos era preciso questionar os consensos já estabelecidos”, disse sua neta em entrevista à Revista Brasil de Fato (2019).

As tradições e conhecimentos dos diversos grupos étnicos que habitam o Brasil resultaram na formação de padrões, símbolos, significados e valores que formam a identidade nacional. Neste quadro, a cultura escolar ao longo do tempo vem mantendo seu conjunto de normas e práticas embasado em quais critérios de participação? Por muitas vezes no reforço de uma história única e hegemônica. E como negros e outras minorias podem lidar com este sistema?

Nessa perspectiva, não nos parece arbitrário que afro-brasileiros desenvolvam estudos que contemplem sua própria história, tanto porque os estudos nas Ciências Sociais possuem uma objetividade marcada por elementos de subjetividade, quanto porque há atualmente uma imensa necessidade de estudos voltados para a realidade afrodescendente brasileira. A partir de estudos nessa perspectiva, poderemos construir uma nova história da educação no Brasil, que deve ser uma história em que se possa ver a narrativa de acontecimentos por vários observadores, sendo conhecido o lugar que cada um ocupa como historiador e como participante do contexto estudado. Assim, teremos um fenômeno histórico visto por vários ângulos, a partir de várias lentes. Uma história nessa perspectiva merece ser denominada “história brasileira”. (Cruz, 2005, p.25)

A interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), em sua obra *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination doctrine, feminist Theory and Antiracist Politics*, nos permite observar como os vários fatores sociais se sobrepõem no sentido da definição de uma pessoa e como afetam sua relação com a sociedade, seu acesso ao direito e sua relação escolar e acadêmica. Ela permite reconhecer a história de si e do outro, valorizando as igualdades e as diferenças dentro e fora da escola.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw, 2002, p.177)

Isso permite a discussão tanto de raça quanto de gênero de forma que os assuntos se interliguem, na percepção das diferentes formas de opressão que não estão isoladas. Essas abordagens podem ser usadas na relação ensino-aprendizagem compreendendo as desigualdades e promovendo debates para a desconstrução dos estereótipos raciais provocando a promoção de uma educação inclusiva e mais justa. E a construção de um currículo mais abrangente possibilita a compreensão e identificação dos atravessamentos da vida dos alunos, propiciando resultado pedagógico mais favorável na formação dos estudantes.

Capítulo 2: Os Atravessamentos

“...deserdados da fortuna ou vitimados pelo sistema econômico em razão de uma concepção de homem que “reduz” as possibilidades”. (Júnior *apud* Polett, 2005, p.11)

Recordo-me bem do dia em que fui à estante de meu pai, um homem negro, único com formação universitária em sua família, e peguei um livro para ler. Da coleção escolhi Lima Barreto. Eu me identifiquei com a linguagem, mais chegado ao meu pretuguês, fruto do convívio aquilombado em família. Nunca me esqueci de Maio³, um dos textos mais marcantes de minha vida. Quando li, já no antigo curso ginásial aos 13 anos, pude entender o porquê de muita coisa que me acontecia. Apesar de meus pais sempre me alertarem sobre o racismo, entendi que era preciso resistir à pressão de todo um sistema.

Lima Barreto como poucos soube descrever o impacto da abolição em um dia de maio, que coincidia com seu aniversário. Como um dia feliz, um 13 de maio das flores, que como a vida do negro se inicia cheia de sonhos, o sonho com a boa nova da liberdade, que aguardamos ansiosos a cada nova lei, ou proposta de mudanças em nossa sociedade. Somos uma multidão ansiosa, como relata o poeta Lima Barreto, e folgamos com festas a cada conquista.

Barreto fala que o “cativeiro não o impressionava por não ter provado da sua injustiça”. (Barreto, 2010, p.275) Ele nasceu de mãe liberta, e já sob a égide da Lei do Ventre Livre, e só tinha sete anos quando a abolição foi proclamada, portanto não provou dos horrores da escravidão. Em certo momento do texto, diz: “Mas ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preconceitos, das regras e das leis”. (Barreto, 2010)

A experiência que tive no estágio do curso de licenciatura em História, e minhas vivências, formação e leituras, também permitiram-me elaborar reflexões sobre aspectos como a metodologia no ambiente escolar. Interessaram-me, especialmente, as diferentes relações culturais entre aluno, professor e a administração escolar:

Este relato objetiva apresentar e refletir sobre a experiência de observação ao longo do estágio curricular supervisionado do primeiro semestre de 2022 com duas turmas de cada série do Ensino Fundamental, do 6º, 7º, 8º e 9º ano. Na qual utilizei Lima Barreto como referência na Atividade supervisionada.

[...] a finalidade do estágio supervisionado é proporcionar que o aluno tenha uma aproximação à realidade na qual irá atuar. Portanto, não deve colocar o estágio como o polo prático do curso, mas como uma

³ Maio é uma crônica de autoria do escritor brasileiro Lima Barreto que narra o dia da missa campal ocorrida por ocasião da assinatura da lei Áurea, no dia 13 de maio, data de seu aniversário.

aproximação à prática, na medida em que será consequente à teoria estudada no curso, que, por sua vez, deverá se constituir numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola [...] (Pimenta, 2012, p. 81)

Ao adentrar no estabelecimento de ensino, um colégio da rede municipal do Rio de Janeiro⁴, não imaginava quais seriam os desafios que encontraria pela frente, tanto no cotidiano dos professores, quanto dos alunos.

Quando entrei no pátio, logo em um dia 13 de Maio, me deparei com crianças pretas e pardas. Era um ambiente de muita agitação e grito de professores. Tranquilei-me, pois estava em um pátio repleto de adolescentes de várias turmas com as quais ainda nem tinha tido contato. Apresentei-me ao professor e, ao adentrar na sala da primeira turma, percebi que os alunos continuavam na mesma algazarra do pátio. O professor chamava atenção dos alunos, se voltava para o quadro, transcrevia a matéria, explicava e depois fazia a chamada. Tudo isso sob a agitação frenética da turma.

Os fatos ocorreram da mesma forma em todas as turmas do 6º, 7º, 8º e 9º anos, do mesmo professor. Inclusive brigas dentro de sala, uso de celular, bolinhas de papel e saída de alunos de sala sem consultarem o docente. Após a aula, fomos à sala de professores e o professor me comunicou que os alunos eram egressos de outras escolas, expulsos por mau comportamento e moradores das comunidades, em sua maioria do Morro do Borel e da Formiga.

Ele me perguntou o que achei das turmas e me lembrei do momento em que as crianças chegaram próximas à minha carteira para saberem o que eu fazia ali na sala: “Você é de onde?”, perguntou uma. “Você veio nos vigiar? O que você escreve tanto aí?”, indagou outra.

Na aula de xadrez, atividade extraclasse que o professor regente ministrava, alguns alunos que não estavam participando da atividade iniciaram uma conversa comigo e começaram a fazer perguntas sobre o meu curso universitário. Respondi que estava me preparando para ser uma historiadora e professora de História.

Perguntei a eles o que queriam ser quando crescessem e eles me responderam: “bandido, motorista de caminhão.” Outra disse que não queria ser nada. Deste diálogo saiu minha resposta ao professor: achei que eles não têm perspectivas. O professor me respondeu que a resposta deles foi só para chamar minha atenção.

⁴ Em função do tempo exíguo de desenvolvimento e as características de um trabalho de conclusão de curso de especialização lato sensu, não houve realização de entrevistas e procedimentos de identificação autorizados pelas partes envolvidas. Devido a isso, não haverá menção de nomes e outras formas de identificação direta.

Durante a conversa ele disse que a escola não tem muito material para preparar aulas em cumprimento a lei 10.639/2003 (estudo obrigatório da história da cultura afrobrasileira) e que havia feito um pequeno trabalho para a turma algum tempo atrás. Só que considerava também que não havia pessoal preparado para lecionar a matéria. Durante a conversa, ele chegou a dizer que não concordava com as cotas para negros e que as ideias de Paulo Freire na prática não funcionam. Os demais professores comentavam que os alunos são mal-educados e brincaram se eu realmente queria ser professora.

Passei a pensar sobre como seria o planejamento do professor e da escola, pois com ele se pode identificar as necessidades e os problemas presentes em sala de aula e quais estratégias para uma adequação no interesse e na aprendizagem dos alunos. Para ir além daquele sistema em que o professor entra em sala, escreve a matéria no quadro branco, explica a matéria, faz a chamada e vai embora, tudo sob a agitação da turma.

Um dos maiores desafios com o qual a escola se defronta é resolver de forma efetiva uma das suas principais metas: a de propiciar aos alunos a possibilidade de realizar, com os materiais e os meios disponíveis, algo que ainda não tinha sido feito, ou de fornecer condições para que aquilo que já foi feito seja visto ou refeito a partir de uma nova perspectiva. Não se quer, assim, que a escola atue apenas como reprodutora de conhecimentos ou de técnicas já desenvolvidas. Ao contrário, é preciso que a criação - seja ela científica, seja ela artística- tenha lugar no espaço escolar. (Suzart, Silva, 2020)

A justificativa dos professores em relação aos alunos me fez refletir ainda sobre as atividades em sala de aula e as características dos professores da escola, brancos e oriundos da classe média, e sobre a forma com que o professor controlava a turma: ameaça de expulsão, mandando o aluno para a direção e avisando que iria chamar os pais e o conselho tutelar.

Não existiam regras de comportamento pré-estabelecidas e de acordo com o perfil dos alunos. Já os alunos testavam até onde iria o limite do professor e o docente fazia intervenções vexatórias a um aluno na frente dos outros colegas de classe. O ambiente não era democrático e as regras eram seguidas apenas quando o professor impunha o medo, causando em alguns um sentimento de revolta contra ele. Observei ainda que a comunicação com os responsáveis constantemente só acontecia para notificar sobre o mau comportamento dos estudantes.

No caso dos alunos, e no diálogo com os membros da comunidade escolar, seria interessante estabelecer um registro mais completo das atividades dos alunos, tanto nos progressos quanto nas ocorrências de mau comportamento, a fim de gerar nos estudantes uma consciência de seu comportamento cotidiano. E o que poderiam ou o que deveriam organizar juntos no que diz respeito à convivência em sala de aula.

O diretor possuía uma boa relação com a comunidade e se reunia com os responsáveis para organizar atividades culturais na escola. Era bastante respeitado e querido pelos alunos que se identificavam também por causa da cor e postura mais amigável.

Paulo Freire (2005), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, disse que a educação libertadora e problematizadora só podem constituir um processo em que o educador e educando aprendem juntos.

Opunha-se Freire, portanto, à educação a qual ele chama de bancária (unilateral). E o resultado desta, a falta de perspectiva dos alunos quanto ao futuro, me fez lembrar uma reflexão baseada em algo que Paulo Freire escreveu, parafraseada aqui por Moacir Gadotti: "Não basta saber ler mecanicamente: "Eva viu a uva". É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho" (Gadotti, 1996).

Lembro-me que, antes da minha prova aula, um aluno me fez a seguinte pergunta: "tia, a senhora viu aí que a gente é muito bagunceiro, né?" E eu respondi: "eu vi muita agitação que pode se transformar em algo bem produtivo, de acordo com o que cada um saiba fazer, para produzir conhecimento. Vocês são crianças bastante ativas e não tem dificuldades de comunicação." Ele me olhou assustado com esta resposta inesperada e me deu um ok sorrindo. Sobre os abismos entre a educação dos alunos de classe média, mais acostumados a serem ouvidos e valorizados, e os menos favorecidos, Howard Becker diz:

Mas, são as crianças que vivem em bairros pobres que ofendem mais profundamente a moralidade tida pelos professores como adequada; elas são vistas como imorais e carecendo de respeito em quase todas as esferas de moralidade e de cuidado de si mencionadas até aqui, seja por suas ações, por sua fala ou aparência. Neste último aspecto, elas enojam e deprimem os professores originados de extratos médios da sociedade. Até uma jovem professora cujo linguajar carregado pelos jargões típicos aos músicos de jazz simbolizam uma moralidade não [...] convencional, mostrou-se horrorizada com a ausência da escova de dentes na vida de seus alunos de classe pobre. (Becker, 2019, p.262)

O professor de História trabalhava em outro colégio à noite e praticamente não lhe restava tempo para reciclagem. Era um profissional que possuía o domínio do conteúdo, porém não alcançava os objetivos. Sintomas desta desigualdade. No primeiro bimestre, diante deste cenário, a maioria dos alunos das turmas recebeu conceito insuficiente.

Hooks (2020) em seu livro *Ensinando a Transgredir*, aponta lições que podem ser sintetizadas da seguinte maneira: para que se consiga aceitar e respeitar o contexto social e os conhecimentos de grupos não brancos e criar uma outra forma de pensar o processo

pedagógico, todos nós, enquanto professores, em todos os níveis, do fundamental à universidade, precisaremos do pleno reconhecimento da necessária mudança na forma de ensinar.

Face a uma realidade onde nós, em sua maioria, estudamos em escolas onde o ensino era projetado em uma única forma de experiência e de pensamento que nos levava a considerar que fosse universal, tanto para brancos quanto para os não brancos, nos condicionamos a aprender e a ensinar copiando esse modelo. Resultando, em exemplos como o mencionado professor, em uma inquietação com as políticas que abarcam uma educação multicultural, em uma mistura de desinteresse e receio de perder o controle da turma por ministrar de forma diversificada.

Capítulo 3: A Aplicação Efetiva da Lei 10.639/03- Ordem Mundial – Necropolítica e Iniciativas Antirracistas.

Percebemos que desde a criação da lei 10.639/03, que versa sobre a inclusão de conteúdos sobre a cultura africana e as expressões dela derivadas na educação básica, há uma luta por parte do movimento negro e de outros movimentos antirracistas e sociais para que a lei se torne uma realidade no cotidiano escolar.

O marco da criação da lei 10.639/03 buscou enfatizar para a sociedade brasileira que a formação do nosso país advém do encontro de civilizações e das diversas culturas, distanciando-se de uma visão eurocêntrica e hierarquizada sobre o papel das diferentes populações que compõem o nosso país. Neste sentido, vale resgatar a obra de Milton Santos,

autor que percebeu a dinâmica do espaço geográfico elencando o “território como uma categoria de análise” (Santos, 1978), e onde se estabelecem as relações de poder. Pensamento crucial para se pensar o futuro, trazendo suas ideias para o universo escolar e para a formação do aluno em suas particularidades sociais e afetivas, que ultrapassam as funções tradicionais da escola.

Davis e Oliveira (2010), no livro *Psicologia na Educação* fazem menção ao conceito da teoria social cognitiva da autoeficácia na formação de um indivíduo e explicam que ela atua como um motor para a motivação e um impulsionador de resiliências. Assim, tal teoria ajuda o professor a superar as pressões do ambiente e encontrar o caminho para o desenvolvimento do aluno, problematizando os fatos históricos, dando a eles os contornos críticos necessários e conduzindo o aluno ao autorreconhecimento de si e de sua história, como, por exemplo, através de exemplos inspiradores. Todavia:

Nossa sociedade não é igualitária nem homogênea, mas está constituída por e produz, os mais variados ambientes e cenários. Há alguns mais propícios, mais positivos e outros mais opressivos. Vamos analisar um exemplo. Pedro tem 10 anos e esse ano tem um novo professor de música que está ensinando as crianças a tocar piano. Nos primeiros dias, Pedro ficou fascinado por esse instrumento, queria ter um, aprender mais. No entanto quando chegou em casa, seu pai rapidamente tirou essa ideia de sua cabeça. Desde então, Pedro passou a perder o interesse pelo piano. (Brandura, Albert. Entenda a teoria da aprendizagem social. *Revista Educação*, n.273, Publicado em jan. 2021. Reportagem de autor desconhecido)

O relato acima exemplifica a realidade da vida escolar de muitas crianças, em sua maioria, negras e periféricas. É o que percebia observando a sala de aula e os bastidores dos alunos, sentada na última carteira e assistindo suas conversas durante as aulas.

Um aluno conversava com o outro falando sobre seu novo emprego como entregador em uma farmácia, relatando com empolgação a expectativa de, no fim do mês, poder comprar um tênis e roupa de marca. O amigo então pediu a ele que o indicasse para que ele pudesse ter suas próprias roupas.

Assim os alunos relatavam seus “corres” do pós-aula, distantes dos conteúdos discutidos em sala de aula. Outro vendia verduras produzidas na horta familiar e outros vendiam balas no sinal.

O professor me relatou que não levavam tarefas para casa, pois muitos precisavam ajudar na composição orçamentária do lar. Sem contar as ausências em sala devido a perdas de parentes por causa de violências nas favelas. Já na saída da escola, durante o trajeto para casa, vi alguns brincando e rasgando os cadernos e me pus a questionar a importância da educação

teórica e eurocentrada no cotidiano daqueles alunos que vivenciavam um dia a dia de escassez e violências.

O território tanto quanto o lugar é esquizofrênico, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e de outro lado, neles se produz uma contraordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados. Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança (que segundo Sartre, é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica, e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contraface do pragmatismo. Assim junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. Também, um modo de insurreição em relação à globalização, com a descoberta de que, a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar ser outra coisa. (Santos, 2003. p. 130-131)

Em sua obra *A teoria da aprendizagem social*, Albert Bandura (1986), através de experimentos, comprovou que as crenças das pessoas sobre suas próprias capacidades influenciam como elas pensam, se sentem e se comportam. Transportando para o espaço educacional, esse mecanismo ocorre também com os alunos. Neste sentido, a falta de interesse do professor em aplicar a lei 10.639/03 na sala de aula, conduz a falta de uma nova perspectiva que a história traça, a partir do resgate da história da África, para os alunos pretos e pardos que convivem cotidianamente com as violências históricas causadas pela diáspora negra. Afeta também a forma como encaram a si mesmos e suas próprias capacidades de desempenho dentro da escola e no convívio social.

É preciso respeitar e colocar as crenças e motivações como elementos que interferem nos objetivos e metas de cada indivíduo. Foi a partir disso, por exemplo, que surgiram as respostas dos alunos à minha pergunta quanto ao “o que queriam ser no futuro”. Uma tentativa de promoção de uma educação mais inclusiva e democrática.

A democratização do ensino determina não só um crescimento quantitativo das matrículas, mas, igualmente, a diversificação sociocultural do aluno. Em decorrência, agravam-se os problemas a serem enfrentados pelas escolas, principalmente quando se trata de garantir a todos os alunos a aquisição de um conjunto básico comum de conhecimentos e habilidades indispensáveis ao cidadão. (Davis, 2010. p.15)

3.1. O Neoliberalismo, a Globalização e as Instituições Educacionais.

Em linhas gerais, o neoliberalismo é uma doutrina econômica e política que surgiu no século XX, derivado do liberalismo clássico do século XIX, que propõe o enfraquecimento do

Estado, ou seja, a mínima intervenção do Estado na economia, sob o discurso de redução dos gastos públicos e maior eficiência econômica.⁵

O Estado atuaria apenas no que fosse básico, como a educação e a saúde, resultando na privatização de outros serviços públicos, concedendo poder à iniciativa privada e promovendo a precarização do trabalho através da flexibilização dos direitos trabalhistas, através de leis que favoreçam negociações entre patrões e empregados, a parte frágil nessa relação. Dentro do neoliberalismo ocorre ainda a abertura econômica com a eliminação de barreiras fiscais, garantindo mais poder aos países desenvolvidos e às grandes corporações. Excluem-se, assim, os interesses reais da grande massa trabalhadora e são reduzidos os investimentos sociais, criando entre os países um desenvolvimento desigual.

O geógrafo Milton Santos, em sua obra intitulada *Por uma Outra Globalização do Pensamento Único à Consciência Universal*, mostra a globalização como a visão neoliberal do mundo e diz que a mesma demarca a ruptura na evolução social e moral dos séculos anteriores. E que é mordaz que o progresso técnico, que deveria favorecer a humanização da vida, não atenda a essa necessidade. (Santos, 2023, p.73)

Aqui o que nos interessa é justamente o efeito do neoliberalismo na educação. Rosana Soares Campos, professora de Ciência Política da Universidade Federal de Santa Maria, em entrevista à *Revista Arco* (2022) disse que o projeto político do neoliberalismo visa de forma estratégica, através da queda de investimento, criar tensões sobre a educação pública sob a alegação de ser produtora de gastos e de que o corpo docente é composto por doutrinadores ideológicos. Para isso se utiliza da mídia para massificar tais ideias para a sociedade com a intenção de partir o Estado. A professora Rosana alerta que “o neoliberalismo, enquanto projeto político, para construir uma sociedade de mercado, é preciso ter um outro tipo de indivíduo. Não pode ser um indivíduo que viva em um ambiente socializado demais [...]”. (Campos, 2022.)

Cria-se, deste modo, um sentido de “não responsabilidade do Estado” sobre a educação abrindo espaço para o mercado, que controla e divide a opinião das famílias, sobre o melhor espaço educacional e redirecionando estudantes, que tenham alguma condição econômica, para o ensino privado. Campos diz que a partir daí há uma redução no investimento da educação pública e “não tem como funcionar bem” um sistema colocado em segundo plano.

⁵ Para uma perspectiva crítica do neoliberalismo, ver: AZEVEDO, Plauto Faraco de. *Neoliberalismo: desmonte do Estado social*. Libretos: Porto Alegre, 2018.

3.2 - A Necropolítica

Milton Santos (1996) utiliza o conceito “rugosidade” em seu livro *A Natureza do Espaço*:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (Santos, 2012, p.140)

Analicamente, o conceito de rugosidade de Milton Santos ajuda-nos a entender como um espaço construído e os vestígios de um tempo histórico podem interferir nos rumos da modernidade ou se incorporar a paisagem trazendo uma nova leitura dos lugares pela visão das resistências ou das contradições, produzindo manifestações culturais ou espaços de memórias e ações que podem ser perpetuadas. O que também se entrelaça ao conceito de necropolítica de Achille Mbembe (2018).

Segundo Mbembe (2018), a necropolítica atua como o poder de decidir quem poderá viver ou morrer tendo como base o biopoder e as tecnologias de controle, onde até o “deixar morrer” (Mbembe, 2018. p.80) se torna aceitável. Mbembe, ao apresentar o termo, indica formas contemporâneas de estruturas que visam destruir certos grupos. Essas estruturas propiciam que vidas estejam sujeitas ao poder da morte e essa dinâmica cria grupos que vivem em condições precarizadas e sob constante ameaça.

Viver sob a ocupação contemporânea é experimentar uma condição permanente de “viver na dor”: estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar, construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos: toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites do anoitecer ao amanhecer, soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras: crianças cegadas por bala de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias. (Mbembe, 2018, p.68-69)

Testemunhamos exemplo desta realidade no período da pandemia da COVID19, onde moradores que habitavam em pequenos barracos nas favelas não tinham como manter o isolamento social e não podiam deixar de ir ao trabalho por fazer parte dos serviços tidos como essenciais, como os motoristas e atendentes de supermercados. Realidade que espelha a reflexão de Foucault de que “em suma, a doença como fenômeno de população: não mais como a morte que se abate brutalmente sobre a vida- é a epidemia- mas como a morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói perpetuamente, a diminui e a enfraquece”. (Foucault, 1999, p. 290-291).

O conceito de biopoder, estabelecido por Michael Foucault, está ligado ao de necropolítica de Achille Mbembe. Foucault explica que o biopoder passa a moldar os comportamentos e, junto ao racismo, permite ao Estado matar e classificar a vida, tornando essa condição aceitável e normalizada na sociedade.

O imperativo da morte, só é admissível, no sistema de biopoder, se tende não à vitória sobre os adversários políticos, mas à eliminação do perigo biológico e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou da raça. (Foucault, 1999, p.306).

O espaço geográfico de Santos, o espaço social, local em que o biopoder e a necropolítica se manifestam, vai além do tempo histórico e se mantém no tempo presente sob a perspectiva de perpetuação de memória. Desse modo, é também formado pelos vestígios do passado.

O autor explica que “o espaço é social e não existe uma sociedade aespacial,” (SANTOS, 1999) portanto, a história de todos os sujeitos se escreve nos espaços que eles circulam, no território que pertencem. “A história não se escreve fora do espaço. No entanto, a história também não pode ser tomada por si só, pois precisa ser entendida de forma indissociável, por meio de sua espacialidade.” (Nogueira, 2009)

Santos aponta ainda que “a paisagem cristaliza um momento do passado (Santos 1996) e o transforma em “fragmento da realidade total” Tal construção do objeto vai ser captada de acordo com a visão que teremos com relação ao passado. O autor aponta ainda a invasão do mundo das técnicas, alterando o mundo das coisas, e exercendo controle sobre as ações dos indivíduos.

Assim, quando essa sociedade se modifica haverá o controle do espaço geográfico, alterando a finalidade do objeto (um objeto pode ser sistemas simbólicos ou sociais, que advém das relações, isolado possui o valor de coisa) que faz parte da realidade territorial. Milton Santos diz que “no mundo das técnicas as coisas possuem função específica”. (Santos, 2023) Deste modo, temos a paisagem como a forma física e o espaço como forma social.

A formação das favelas, que Adelino Campos vai chamar de “fronteiras sociais” (Campos, 2005), foi um processo originário do século XIX por ocasião do fim da escravização e trouxe a miserabilidade por falta da terra e renda, somada ao processo de exclusão e discriminação do negro liberto. Tal fenômeno estava atrelado a leis, como a da “vadiagem” em

1890,⁶ que criminalizava a pobreza e impedia grande parcela da população negra de viver a vida como cidadã, transformada em seres ignorados do espaço social. Tal paisagem refletia uma realidade territorial que não fora alterada com o passar dos anos, pois a lei apenas transformou a vadiagem em contravenção penal em 1941. Um dos últimos processados e presos por essa contravenção foi Viriato do Acari em 1992.⁷ Somente em 2021, em um passado recente, a vadiagem foi retirada, pelo Senado, da lei de contravenções penais.

A técnica da informação no mundo globalizado, por sua vez, também passa a alimentar e reproduzir a visão do negro como elemento marginal na sociedade. A favela como território de exclusão e violência, catalogado pelo Estado como o lugar de morte. Um “mundo de morte”. Utilizada pelos meios de comunicação, como o modelo do “não ser” parafraseando Parmênides sobre “o que não pode ser pensado não é ser”. (Parmênides, 2013).

As manchetes da TV apresentam a favela e a periferia como espaços de violência com a mesma facilidade com que apresentam outra matéria de um “branco salvador”, emulando o poema O fardo do Homem Branco de Rudyard Kipling. Massificando o inconsciente coletivo da população, disseminando informação, formando opiniões e sugestionando como a sociedade deve agir, o que Santos chama de “uma visão distorcida da realidade” (Santos, 2023), o que contribui no aumento da desigualdade e exclusão. Essa é a globalização, tendo em vista os efeitos globais de tal lógica, significada como perversidade.

3.3 - Preto não é Criança, é Menor!

O título que nomeia o artigo de Prudente e Souza (2021), o qual reproduzo neste tópico, nos impulsiona a pensar sobre a diferença no tratamento da criança preta e periférica em comparação à criança branca no contexto social. As autoras descrevem e discutem em seu texto Preto Não é Criança, Preto é Menor, a questão ligada ao infanticídio, no sentido de extinção da infância, desnudando a condição das crianças que não se encaixam no padrão de inocência, no

⁶ BRASIL. DECRETO Nº 847, de 11 de Outubro de 1890. Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em: 15/04/2025.

⁷FREIRE, Aluísio; OLIVEIRA, Mariana. “Lei da Vadiagem é Raramente Aplicada, mas Ainda Persiste no País.” Jus Brasil. Data da Publicação: 09/09/ 2010. <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/lei-davadiagem-e-raramente-aplicada-mas-ainda-persiste-no-pais/2365554>

caso brasileiro as crianças negras, periféricas e marginalizadas. Levam-nos assim a questionar: quem protege a criança que não tem acesso à infância e como a sociedade a percebe?

O sociólogo Jessé de Souza, em seu livro *A Classe Média no Espelho*, traz uma perspectiva sobre as distinções na educação familiar das crianças negras periféricas e das crianças brancas da classe média. Ao longo dele, demonstra como a sociedade influencia perversamente na construção desses núcleos familiares e como isso influencia a vida da criança negra no cotidiano e no ambiente escolar.

O acesso privilegiado ao conhecimento valorizado pressupõe uma renda comparativamente maior da família, de modo a comprar o tempo livre dos filhos para que eles se dediquem apenas aos estudos. [...] os filhos das classes populares são obrigados desde a adolescência a estudar e trabalhar para ajudar em casa – obviamente não fazem bem nem uma coisa nem outra (Souza, 2018, p.142).

Para Souza, a noção de privilégio está introjetada de maneira inconsciente em determinadas classes e, nesse sentido, é o que irá definir as perspectivas de futuro. Descreve que a classe média, por exemplo, valoriza a educação formal em detrimento da crítica ao aspecto sociocultural. Perpetuam e naturalizam a utilização de “escravo doméstico”, como forma de marginalizar os precarizados, reproduzindo o status de privilégio da elite, e culturalmente se utiliza de certa disciplina cotidiana para seus filhos: a disciplina cotidiana das brincadeiras, do auto equilíbrio e da educação.

Como o bom aproveitamento escolar exige pressupostos normalmente invisíveis – como atenção, foco, concentração, disciplina, autocontrole, pensamento prospectivo e capacidade de abstração –, os filhos da classe média já entram como vencedores no sistema escolar, ao passo que os filhos da classe dos marginalizados – e não por culpa deles, já que ninguém escolhe o berço – chegam como perdedores em tenra idade. Muitos saem da escola como analfabetos funcionais, incapazes de participar do mercado de trabalho competitivo. Resta a eles depender do emprego da própria energia muscular, tal como no caso dos escravos. E a maioria acaba exercendo trabalhos físicos desvalorizados, extenuantes e mal remunerados. (Souza, 2018, p.143)

O autor faz ainda referência ao filho do pedreiro que se utiliza do carrinho de obra do pai para brincar e seu cotidiano é marcado por uma educação precarizada, assim como a falta de condição financeira que o obriga a abandonar a escola antes do tempo para ajudar no sustento da família. Fatos que costumam conduzir o pobre a conhecer o caminho da exploração. Souza conclui a partir dessas observações que a classe média se afirma no prazer da humilhação do pobre, universalizando a noção de uma “casta intocável” diante da qual os demais irão se sentir marginalizados.

É essa “ralé” de marginalizados, abaixo da classe trabalhadora, que, sob outra forma, dá continuidade à sociedade escravocrata do passado. Portanto, o meu desafio era entender, sob uma forma “moderna”, e não mais pela simples cor da pele, porque há neste país uma quantidade tão grande de pessoas desafortunadas, abandonadas e humilhadas. Para mim, descobrir isso era a chave para a compreensão da sociedade brasileira como um todo. Uma chave capaz de explicar o fato de que, ainda que participando do mundo moderno e do capitalismo industrial, mantínhamos aqui uma sociabilidade violenta, bárbara, sádica, patológica e repugnante.

Sob a influência das tolices do patrimonialismo vira-lata, sempre nos vimos como uma sociedade marcada pela corrupção do Estado, relegando ao esquecimento o mais óbvio: somos os herdeiros da maior sociedade escravocrata do planeta. Quem não sabe quem é jamais pode aprender, e quem nunca aprende está condenado à repetição. Como se constrói a “ralé de novos escravos” e de que modo isso explica boa parte do comportamento de nossa classe média? Aqui o essencial é constatar o papel do conhecimento como um capital tão importante para o funcionamento do capitalismo quanto o próprio capital econômico. O próprio dinamismo econômico do capitalismo advém de seu aproveitamento sistemático da ciência e do conhecimento nos meios de produção.

Sem esse aspecto, o capitalismo perde a vantagem comparativa diante de outros sistemas econômicos. (Souza, 2018. p.144)

3.4. Ensino Público: Precariedade e Fatores que Afetam o Ensino.

Durante o período de estágio pude observar que o espaço físico da escola da rede municipal era repleto de grades em todos os lugares como o pátio, as escadas, a entrada do refeitório, a sala dos professores e a quadra.

Terezinha Azeredo Rios, em seu texto Espaço físico da Escola é um Espaço Pedagógico, conceitua o espaço físico da escola como um lugar de acolhida e onde ocorre a interação dos alunos. Espaço este onde o aluno passa a maior parte do tempo.

Ela chama a atenção quanto à forma de organização e a importância do equilíbrio do lugar. E diz ainda que o espaço escolar não se constitui apenas pelas questões pedagógicas em sala de aula, mas sim, num sentido mais amplo, que o espaço físico deve ser pedagógico. “É aí que a dimensão ética se articula com a estética de modo estreito”. (Rios, 2011, p1)

Se a ética e a estética estão ligadas ao espaço escolar como forma de construção de valores identitários, com quais valores os alunos da escola em questão estariam se identificando? Com um local de aprendizado ou um espaço de encarceramento? Foucault compara o poder exercido pelas escolas, prisões e quartéis com lugares de disciplina, cuja função abarca o ato de punir, e que é “apenas um modelo de tribunal” (Foucault, 2008, p.149). Não parece ser este o espaço correto para educar.

3.5 –Iniciativas Antirracistas.

Ao visitar um projeto de uma escola pública federal, o Colégio Pedro II no qual realizei esta especialização e no mesmo bairro da escola da rede municipal citada neste trabalho, foi possível encontrar outra perspectiva ou, um “novo sentido de existência.” (Santos, 2023).

Intitulado “Palavras Negras” e criado por três professoras de Português, Caroline, Ingrid e Sílvia, todas mulheres negras, existe um projeto que conta com a participação de alunos, o projeto recebe apoio institucional para pagar as bolsas. Um sistema interno de edital que é um diferencial do CPEI, bolsistas e voluntários, com encontros literários utilizando referências negras e, através de rodas de conversa mediadas pelas docentes, estimulam a troca de saberes. E desenvolvem também oficinas culturais que valorizam a produção artística dos alunos, a história da cultura negra e incentivam os alunos negros a ouvirem e responderem as indagações que o racismo introjeta neles.

Nestas sessões, os alunos trazem reflexões e observações que muitas vezes passam despercebidos aos adultos e apontam caminhos que possam moldar as atitudes dos outros colegas e os deles mesmos na construção de um ambiente inclusivo. As professoras, também escritoras de livros, dinamizam o projeto com uma festa literária que reúne escritores, convidados para um sarau, onde dividem experiências com os alunos.

Há também o projeto denominado “Muito Além de Wakanda”, de outra unidade da mesma instituição federal, idealizado anualmente pelo professor Higor, também negro, que apresenta a diversidade africana. Durante o seu desenvolvimento são criadas exposições sobre a África com a participação dos alunos e com visitas guiadas dos alunos para estudantes da própria instituição. Só no ano de 2023 foram aproximadamente cem alunos que estiveram envolvidos na produção e centenas de alunos visitantes.

A organização do projeto conta com a participação dos alunos na escolha dos temas, confecção e produção dos trabalhos para a apresentação do projeto na unidade escolar. Além disso, os alunos fazem visitas ao circuito de herança africana, no centro do Rio de Janeiro, como forma de fortalecimento da diversidade cultural. Todavia, esta não é uma realidade necessariamente acessível. É preciso lembrar que nas escolas federais, com mais recursos que a maior parte das instituições públicas, há uma seleção de alunos através de concursos, sorteios e cotas, diferente das escolas da rede municipal.

3.6-Território Educativo: Considerações finais

É notório que a educação, num sentido amplo e nos espaços institucionais, sofre com problemas estruturais e estruturantes. E a partir da experiência como estagiária, e as leituras e saberes acumulados em minha trajetória, procurei aqui refletir sobre tais questões.

A escola municipal citada neste trabalho possuía em seu espaço físico uma sala de informática com vários computadores, porém a falta de manutenção dos aparelhos impedia a realização das aulas. A falta de motivação dos alunos contribuía também para a evasão escolar. Os problemas nas instalações do prédio, como a falta de refrigeração nas salas de aula durante o verão, somados ao corte de gastos públicos, baixos salários dos profissionais de educação, mostram o resumo do sucateamento da educação pública municipal.

Na perspectiva de Leme e Valente (2023) uma vez que se destrói a imagem da escola pública e coloca-se uma visão de ineficiência, aparece a gestão privada como salvação, pois se acredita que as empresas privadas têm mais “sucesso”. Elas explicam que o conceito público estatal e não estatal permitiu a concessão de gestão de serviços públicos por empresas privadas. As escolas continuam gratuitas, mas a gestão é privada. E de acordo com Santos (2002), o território tem como resultado a dinâmica social, constituída pela vida cotidiana das pessoas.

De tudo o que fora apresentado, a ideia é apontar alguns dilemas e desafios demonstrados no mito global e suas implicações na educação da criança negra, processando informações sobre os acontecimentos do passado que manipulam o presente. No entendimento de Milton Santos, o território e o lugar são “esquizofrênicos”, pois acolhem a globalização e, ao mesmo tempo geram pobreza e exclusão: “de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contraordem”. (Santos, 2023)

Mas essa relação de obediência ao raciocínio da classe hegemônica não é contínua, podendo se transformar em resistências, que se constituem o contrário das práticas habituais, e demonstrando que a luta por sobrevivência ocorre no âmago da sociedade, “um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos”. (Santos, 2023).

Atender à lei 10639/03 é ir contra essa globalização. Existe a possibilidade de que, apesar da condição, haja possibilidade de mudança. Cabe à escola como território educativo buscar integrar-se a comunidade e transformar os saberes locais em projetos com a ajuda de políticas públicas para um “processo de tomada de consciência” (Santos, 2023), para uma “vida coletiva e solidária”. (Santos, 2023).

Santos declara que é possível buscar uma outra globalização, a partir da tomada de consciência de si e de sua história no planeta e que será o indivíduo verdadeiramente humano

que contará a sua história. (Santos, 2023. p.13) Adaptando as técnicas da informação tornando-as dóceis, divisíveis, adaptáveis a todos os meios e culturas. Uma mudança que virá das periferias, não de forma uniforme, mas em lugares diferentes, considerando o tempo das possibilidades, criando arranjos onde as forças populares criam significados.

Durante o estágio conheci um aluno que veio transferido para a escola, que a propósito, era formada por alunos transferidos de outros estabelecimentos de ensino por “mau comportamento”. O aluno, uma criança negra, me confidenciou que amava a escola da qual fora afastado e todos os dias ao final da aula ele visitava a escola antiga, pois não se conformava com a transferência, visitava os colegas e pedia para voltar. Não sabia ele que seu inconformismo era um ato inconsciente de resistência contra um estigma social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **“13 de Maio”**. *In: Obras Completas de Lima Barreto*, v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BECKER, Howard. **Outsiders: Estudos de sociologia dos desvios**. ed. Zahar 2019.

CAMPOS, Adelino. **Do Quilombo à Favela: A produção do “Espaço Criminalizado”** no Rio de Janeiro. Editora. Bertrand Brasil; 5ª edição. 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. **“Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination doctrine, feminist Theory and Antiracist Politics”**. University of Chicago Legal Forum: vol 1989, Article 8.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Uma abordagem sobre a história da educação dos negros**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma, **Psicologia na educação**. 3. ed.- São Paulo: Cortez, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. **“O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil.”** Cadernos de Pesquisa. São Paulo/SP, n. 138, 2009.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Editora. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1969.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de França (1975- 1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Aluísio; OLIVEIRA, Mariana. “Lei da Vadiagem é Raramente Aplicada, mas Ainda Persiste no País.” Jus Brasil. Data da Publicação: 09/09/ 2010.
<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/lei-da-vadiagem-e-raramente-aplicada-mas-aindapersiste-no-pais/2365554> /acesso em:10/04/2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: **Uma bibliografia**. São Paulo: Cortez,1996.

GOMES, Nilma Lino. “O impacto do diferente: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural” – “Revista Educação em Foco”, ano 4, n 04, dez/2000, pp21-27. /acesso disponível em:15/04/2025

HOOKS, bell; **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipola. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KABENGELE, Daniela do Carmo. “As narrativas e os arranjos da terminologia racial no período escravista brasileiro: O caso de Antônio Ferreira Cesarino.” Revista História e Perspectiva, 2015./ acesso disponível em 28/05/2025

LEME, Renata Bento; VALENTE, Marluce Silva. Ofensiva neoliberal e as implicações na área educacional. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v.24, nº3, 30 de janeiro de 2023/acesso Disponível em:
 14/05/202512<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/3/ofensivaneoliberal-e-as-implicacoes-na-area-educacional>.

MBEMBE. A. **Necropolítica**. 3 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018, 80 p.

NOGUEIRA, Maria Luiza Magalhães. “Subjetividade e materialidade: cidade espaço e trabalho”. Revista Brasileira de Educação. v.25, 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000100006/> acesso em 16/04/2025

PAIXÃO, Maria. O Legado de Milton Santos: um Novo Mundo Possível Surgirá das Periferias. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/03/o-legado-demilton-santos-um-novo-mundo-possivel-surgira-das-periferias/> acesso em15/05/2025.

PARMÊNIDES. **Da natureza**. 3ª ed. Tradução. notas e comentários de José Trindade dos Santos. São Paulo: Loyola, 2013.

PETRONILHA, Beatriz Gonçalves e Silva & SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

POLETT, Ronaldo Rabello de Brito. “O Direito achado na Rua Brasília.” Revista Jurídica Consulex, n.216, 2006.

POLLAK, Michael. ‘**Memórias, esquecimento, silêncio**’. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol.2, nº 3, 1989.

Redação da revista. “Entenda a teoria da aprendizagem social.” Revista Educação. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/01/18/aprendizagem-social-al/>. Publicado em 18/01/2021. Acesso em 14/05/2025.

RIOS, Terezinha Azeredo. “O espaço físico da escola é um espaço pedagógico.” Revista Nova Escola, 2011 / acesso em 10/04/2025.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALES, Alcicledes de Jesus & PASSO, José Jovino Reis. Educação uma questão de cor: A trajetória educacional dos negros no Brasil, 2018. Disponível em: <https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/educacao-questao-cor-trajetoriaeducacional-dos-negros-brasil.htm>. Acesso em: 15/04/2025.

SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes dos. “**Cultura e educação a serviço da transformação social**.” In: MAGALDI, Ana Maria; ALVES, Cláudia; GONDRA, José Gonçalves (Org.). Educação no Brasil: história, cultura e política. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**/ 36. Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, ed. Edusp, 1978.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SUZART, L.; NUNES DA SILVA, A. J. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O CONSTITUIR-SE PROFESSOR DE MATEMÁTICA: "Ser ou não ser professor?". **Educação Básica Revista**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. p.131–141, 2020. Disponível em: <https://www.educacaobasicarevista.com.br/index.php/ebr/article/view/4>. Acesso em: 15 jun. 2025.

UNICEF – Fundo das Nações unidas para a Infância. **As Múltiplas Dimensões da Pobreza: na infância e na adolescência no Brasil**. 2019.

Legislação

BRASIL. DECRETO Nº 847, de 11 de Outubro de 1890. Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/18241899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15/04/2025.

BRASIL. LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO. Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837. Da Instrução Primária.

APÊNDICES- PROPOSTA PEDAGÓGICA

O sistema escravista trouxe em sua composição as violências, o preconceito racial, a exclusão e a pobreza, que deixaram seus rastros na vida do negro no Brasil. Como resposta a tal holocausto, os negros resistiram à escravização, através de revoltas, fugas para os quilombos, paralisações, guerrilhas e através do letramento, objetivando a luta pela liberdade.

O texto *Letramento de sobrevivência: costurando vozes e histórias* fala do uso das “múltiplas redes educativas” (Lopes et al, 2018. pg. 695) e dos vários territórios dentro ou fora da escola, nos quais histórias são narradas por diversos atores sociais que podem se utilizar de linguagens orais ou escritas advindas dos becos das favelas, como o funk, que estão fora dos bancos escolares e que narram as próprias histórias. Estes processos (Street, 2014; Mahiri, 2008; Barton & Uta, 2010) denominaram de “letramentos marginais e/ou vernaculares”, que são muitas vezes considerados irrelevantes pela escola, enquanto os “letramentos escolares e/ou hegemônicos”, de acordo com os novos estudos do letramento, são considerados como únicos e legitimados como padrão de “inteligência e prestígio”. (Street, 2014).

Como proposta pedagógica da semana dos autores negros, atividade que desenvolvi durante o estágio ao qual me referi ao longo do trabalho, escolhi dialogar com a obra de Lima Barreto, jornalista e romancista, por representar esse contexto de linguagem simples, e de expressão direta que escrevia próximo de sua oralidade coloquial e que influenciou gerações com seu olhar crítico sobre as injustiças sociais das instituições através de sua literatura, crônicas, diários e artigos de jornais. Um símbolo da resistência negra.

A seguir, apresento o planejamento realizado para a execução de uma atividade que dialoga com as perspectivas teóricas apresentadas e defendidas no artigo que antecede esta proposta pedagógica.

PLANO DE AULA

TEMA DA UNIDADE: Cotidiano Negro no Brasil Contemporâneo: Consciência e Resistência.

TEMPOS DE AULA: 1 aula de 2 tempos.

PÚBLICO-ALVO: 9º ANO DO Ensino Fundamental.

OBJETIVOS:

OBJETIVO GERAL

- Compreender os conceitos de Consciência e Resistência nas questões étnico-raciais e sua importância no convívio social.

OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Comparar as formas de Resistência negra utilizadas no Período pós-abolição com os movimentos de Resistência negra da atualidade.
- Refletir sobre a desigualdade social e racial.
- Identificar as diversas personalidades negras, que nos períodos do pós abolição e na contemporaneidade, contribuíram para a luta contra a discriminação racial e a exclusão social.

ESTRATÉGIAS/ METODOLOGIA:



□ O pensar a cultura afro-brasileira como uma cultura marcada pela resistência. (15 min)

Na atividade-aprendizado será apresentada a biografia do escritor Lima Barreto, com comentários breves sobre sua vida e obra, com o seguinte texto:

“Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto. Nascido no dia 13 de maio de 1881, data que marca a abolição da escravatura no ano de 1888. Era filho do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e da professora Amália Augusta. Escreveu várias obras como: “Triste fim de Policarpo Quaresma”, “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, “Clara dos Anjos”, além de artigos para jornais. Seus temas eram voltados para combater o racismo, a desigualdade social, os problemas dos sistemas políticos no cotidiano da República Velha. Se utilizava da linguagem informal para produzir seus trabalhos de estilo humorístico e satírico ao mesmo tempo. Sofreu a recusa de suas obras por 3 vezes pela academia Brasileira de Letras. Mas sua literatura é considerada direta, incisiva e contemporânea, sua obra continua sendo revisitada pelo grande potencial literário que possui. O autor faleceu em 1 de novembro de 1922.” (Schwarcz, 2017).

Discutiremos as formas de resistências no pós-abolição que aconteceram através de revoltas, compra de alforria para seus parentes, fugas para os quilombos, paralisações, guerrilhas e, através do letramento, com publicações em jornais e periódicos que contribuíram na luta pela liberdade.

Seguiremos com a entrega de pequenas folhas de papel aos alunos para que respondam uma pergunta sobre como o racismo e a discriminação os incomoda nas relações sociais. O assunto será discutido em sala.

Análise dos termos consciência e resistência e apresentação de algumas personalidades que marcaram a história por suas participações na construção da história, cada qual em seu tempo como: Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, escritora, Conceição Evaristo, membra da Academia Mineira de Letras, e Laudelina de Campos Melo, defensora dos direitos das mulheres e fundadora do primeiro sindicato das empregadas domésticas. (15min).

Serão utilizados 2 vídeos clips para auxiliarem na atividade. Estes abordam temas sobre resistência cultural dos moradores de favela, de autoria do cantor Mc César - Eu sou favela - , e da cantora Bia Ferreira - Cota não é esmola -. Canções que se enquadram na resistência na contemporaneidade. (30 min).

A turma será dividida a partir da seguinte pergunta feita pelo professor: o que podemos produzir de forma efetiva para o exercício da consciência e resistência? De acordo com as respostas, os alunos serão convidados a se juntarem aos seus devidos grupos, onde cada coletivo reunirá relatos pessoais sobre suas experiências raciais e notícias nas redes sociais. Na sequência, seguirão um roteiro para a produção de um jornal ou documentário. Os trabalhos serão produzidos com ajuda de tutoriais ou orientados pelo professor. (45 min).

RECURSOS UTILIZADOS

- Projetor multimídia (Datashow), folhas de atividades, canetas, quadro branco, folhas impressas, celular e livros.
- Links do youtube:
- <https://www.youtube.com/watch?v=FuhxGsu8Gq4> - Música 1
- <https://www.youtube.com/watch?v=QcQIaoHajoM> - Música 2
- <https://youtu.be/XucN9cM2JT4> - Como editar vídeos pelo celular do básico ao avançado.

BIBLIOGRAFIA

- LOPES, Adriana C. et al. “**Letramentos de Sobrevivência: Costurando Vozes e Histórias**”. *Revista da ABPN*. v.10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramento de Reexistência, janeiro de 2018, p. 678-703.
- STREET, Brian. *Letramentos sociais*. São Paulo: Parábola, 2014.
- MAHIRI, J. *What they don't learn school. Literacy in the lives of urban Youth*. Whashington: Peter Lang, 2008.
- BARTON, D. e UTA, P. *The Antropology of writing. Understanding textual-mediated worlds*. London, Continuum, 2010.
- SCHWARCZ, Lilia. *Triste Visionário*. 1ª edição, editora Companhia das Letras, 2017.
- NILHA, Orlando. *Coleção Black Power*. 1ª edição, editora Mostarda. 2022.

ANEXOS

Letra de duas músicas utilizadas como atividade aprendizado no plano de aula.

1ª Música: Eu Sou Favela (part. Vc e Mc Cabelinho)

[MC Cabelinho e Vc Mac]

Oh, fé (Hey)

Vc (fé em Deus)

[Vc Mac]

Ó Deus, abençoe esse povo que mora no topo do mundo

E toda família que acorda bem cedo e desce para trabalhar

É que eu moro no alto do morro, é que eu sou favela

É que eu moro no topo do morro, é que eu sou favela

Oh, oh

Oh, becos e vielas ainda gritam paz

Yeah, yeah, yeah

[Cesar MC]

Ah, foi no alto do morro, a vista lá de cima vale ouro

Ouro, nosso lugar, nosso tesouro

Ouro brilha e pode até ser valioso

Mas não brilha tanto quanto o sorriso do nosso povo

Ei, se a favela vive, eu já não morro

Ahn, nosso lugar, nosso tesouro

Ahn, pode pá que o bonde tá enjoado

É só cabelo disfarçado e o bigode do zorro

É a pipa, o cerol, é lazer, futebol

Os menor correndo na pracinha
No alto do morro, no topo do mundo
São sonhos e sonhos em meio às casinha
Lá no alto do morro, até vi uma princesa
Que muito em breve vai ser minha rainha
Daí entendi que dane-se a riqueza
Se a felicidade já for minha vizinha
Nós segue aprendendo com os tapas da vida
Naquele pique, Negão da BL
Redefinindo com rima e batida
O que um dia disseram da cor da minha pele
Essa desigualdade que tanto nos fere
Nascemos no topo e nos querem no fundo
Mas hoje o menor filho da Rosimere
Vem gritar: Do Morro do Quadro pro mundo
É pela Dona Inês que acorda às seis
Pelo pão nosso que vem de cada dia
Pelo Seu José que anda a pé
Pra trabalhar naquela portaria
E é pelo João que escolheu dizer não
Se o crime chamava e seduzia
Por cada MC que não quis desistir
Quando tudo era frio em uma praça vazia
[Vk Mac]
Foi no alto do morro
Lá onde a dificuldade não tira o sorriso do rosto, yeah, ah, ah
Por cada degrau dessa escada, mais um que se foi por nada
Meus pés no chão mesmo tão perto do céu
Por isso eu não paro por nada e te peço
Ó Deus, abençoe esse povo que mora no topo do mundo
E toda família que acorda bem cedo e desce para trabalhar
É que eu moro no alto do morro, é que eu sou favela
É que eu moro no topo do morro, é que eu sou favela

Oh, oh
Oh, becos e velas ainda gritam paz
Yeah, yeah, yeah
[MC Cabelinho]
(Oh, fé)
Quantos amigo nós perdeupro crime?
Várias história repetida
Menor de 13, 14, 15 ano
Tão novo perdendo sua vida
Ó Deus (ó Deus)
Quero que eles entenda que o crime é ilusão (ilusão)
O foda é quando infelizmente alguns só tiveram essa opção
E cresceu sem mãe, não teve pai
Tá na vida errada, o cão pra trás, ah
Antes de você querer julgar (julgar)
Peço que tu parepra pensar (pensar)
Só garoto novo (garoto novo), cria do morro (cria do morro)
Que vem vários anos passando sufoco
E as criança da minha favela (minha favela)
É a esperança que habita em mim (que habita em mim)
Quero poder dar uma chance pra elas
Senão cê sabe qual será o fim (fé em Deus!)
[VK MAC]
Ó Deus, abençoe esse povo que mora no topo do mundo
E toda família que acorda bem cedo e desce para trabalhar
É que eu moro no alto do morro, é que eu sou favela
É que eu moro no topo do morro, é que eu sou favela
Oh, oh
Oh, becos e velas ainda gritam paz
Yeah, yeah, yeah
[MC Cabelinho]
Fé, fé
Composição: César Mc / Mc Cabelinho / Vk Mac.

2ª Música. Cota Não é Esmola. Canção de Bia Ferreira e Doralyce

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola
Experimenta nascer preto na favela pra você ver
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito
A gente sabe como termina, quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais
Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão
E já que tá cansada quer carona no busão
Mas como é preta, pobre, o motorista grita: Não!
E essa é só a primeira porta que se fecha
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
Chega na escola, outro portão se fecha
Você demorou! Não vai entrar na aula de história
Espera, senta aí, já já dá uma hora
Espera mais um pouco e entra na segunda aula
E vê se não atrasa de novo, a diretora fala
Chega na sala, agora o sono vai batendo
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
Se a passagem é 3,80 e você tem 3 na mão

Ela interrompe a professora e diz, “então não vai ter pão”
E os amigos que riem dela todo dia
Riem mais e a humilham mais O que
você faria?
Ela cansou da humilhação e não quer mais escola
E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola
O tempo foi passando e ela foi crescendo
Agora lá na rua ela é a preta do sovaco fedorento
Que alisa o cabelo pra se sentir aceita
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita
Agora ela cresceu, quer muito estudar
Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular
E a boca seca, seca, nem um cuspe
Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP
Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola
Que todos são iguais e que cota é esmola
Cansada de esmolos e sem o dim da faculdade
Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade Cê vai
ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bote a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo
São nações escravizadas
E culturas assassinadas
É a voz que ecoa do tambor
Chega junto, venha cá
Você também pode lutar, ei!

E aprender a respeitar

Porque o povo preto veio para revolucionar

Não deixe calar a nossa voz, não

Não deixe calar a nossa voz, não!

Não deixe calar a nossa voz, não!

Revolução

Não deixe calar a nossa voz, não!

Não deixe calar a nossa voz, não!

Não deixe calar a nossa voz, não!

Revolução

Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai, é

Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai

Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai E é

peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga

Peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga

Aberto, espadachim do gueto, nigga

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

Vamo pro canto onde o relógio para

E no silêncio o coração dispara

Vamo reinar igual Zumbi, Dandara

Odara, Odara

Vamo pro canto onde o relógio para

No silêncio o coração dispara Odara,

Odara, ei!

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade

Você vai ver como são diferentes as oportunidades

E nem venha me dizer que isso é vitimismo

Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo

Existe muita coisa que não te disseram na escola Cota não
é esmola!

Cota não é esmola!

Cota não é esmola!

Eu disse: Cota não é esmola!

Cota não é esmola!

Cota não é esmola!

Cota não é esmola!

São nações escravizadas

E culturas assassinadas

É a voz que ecoa do tambor

Chega junto, venha cá

Você também pode lutar, é

E aprender a respeitar

Porque o povo preto veio revolucionar Cota não
é esmola!

Compositor: Bia Ferreira

Livros indicados para turma sobre personalidades negras



Modelo do jornal apresentado como uma das atividades em sala de aula.

— 1ª Edição —

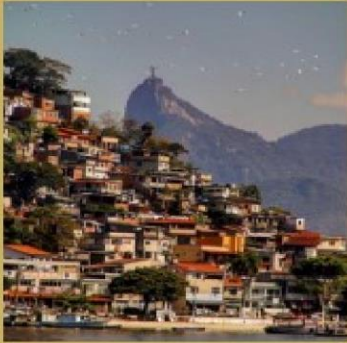
JORNAL ESCOLAR

SEXTA, 12 AGOSTO, 2022 | VOL 1

Estagiário de História | Turma:

MÚSICA CESAR MC

Ó Deus, abençoe esse povo que mora no topo do mundo
E toda família que acorda bem cedo e desce para trabalhar
É que eu moro no alto do morro, é que eu sou favela
É que eu moro no topo do morro, é que eu sou favela
Oh, oh
Oh, becós e vielas ainda gritam paz
Yeah, yeah, yeah



Ah, foi no alto do morro, a vista lá de cima vale ouro
Ouro, nosso lugar, nosso tesouro
Ouro brilha e pode até ser valioso
Mas não brilha tanto quanto o sorriso do nosso povo
Ei, se a favela vive, eu já não morro
Ahn, nosso lugar, nosso tesouro
Ahn, pode pá que o bonde tá enjoado

CONSCIÊNCIA E RESISTÊNCIA

É só cabelo disfarçado e o bigode do zorro
É a pipa, o cerol, é lazer, futebol
Os menor correndo na praçinha
No alto do morro, no topo do mundo
São sonhos e sonhos em meio às casinha
Lá no alto do morro, até vi uma princesa
Que muito em breve vai ser minha rainha
Daí entendi que dane-se a riqueza
Se a felicidade já for minha vizinha

Nós segue aprendendo com os tapas da vida
Naquele pique, Negão da BL
Redefinindo com rima e batida
O que um dia disseram da cor da minha pele
Essa desigualdade que tanto nos fere
Nascemos no topo e nos querem no fundo
Mas hoje o menor filho da Rosimere
Vem gritar "do Morro do Quadro pro mundo"
É pela Dona Inês que acorda às três

Pelo pão nosso que vem de cada dia
Pelo Seu José que anda a pé
Pra trabalhar naquela portaria

